



Como é que as fábulas podem ser, no todo, falsas e conter alguma verdade? Uma reflexão sobre *República 377a*

*Celso de Oliveira Vieira**

Resumo: Em *República 377a* Sócrates diz que as fábulas (mythos) são, no todo, falsas, mas possuem, alguma verdade. Diante dessa falsidade geral, a tentativa será de entender melhor onde estaria, de que modo se apresentaria e de que tipo seria essa verdade. Para tanto, será necessário tentar responder se falsidade e verdade podem ocorrer num mesmo lugar e, se a resposta for afirmativa, de que tipo é a sua relação. No âmbito dos conceitos de pano de fundo será preciso verificar se há uma teoria da correspondência da verdade ou não e uma teoria do conhecimento por contato ou proposicional. Essas respostas permitirão identificar se verdade e falsidade possuem o mesmo objeto e qual é o objeto de uma fábula. Todo esse percurso deve gerar uma concepção de fábula condizente para ser o primeiro instrumento educacional na formação das crianças. Os resultados apontam para um tipo de híbrido verdade e falsidade que não se encaixa nas categorias dos diálogos platônicos.

Palavras-chave: Verdade; Mentira; República; Fábulas; Platão.

How can fables be generally false and yet contain some truth? A reflection on the Republic 377a

Abstract: In *Republic 377a* Socrates says that fables (mythos) are, on the whole, false, but they possess some truth. In the face of this general falsity, the attempt will be to understand better where this truth would be, how it would be presented and what kind of truth it would be. To do so, it will be necessary to try to answer if falsehood and truth can occur in the same place and, if the answer is affirmative, of which type is their relationship. In the context of background concepts, it will be necessary to verify whether there is a correspondence theory of truth and if there is a theory of propositional knowledge or knowledge by acquaintance. These answers

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Facilitador em Effective Altruism Oxford. E-mail: cvb909@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4717332662545546>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3582-2122>.

will allow to explore whether truth and falsehood have the same object and what is the object of a fable. This conclusion should generate a conception of a fable that is suitable to be the first educational tool in forming children. The results point to a type of hybrid truth and falsehood that does not fit into the categories of Platonic dialogues.

Key-words: Truth; Lie; Republic; Fables; Plato.

Comment les fables peuvent-elles être généralement fausses et contenir une part de vérité ? Une réflexion sur la République 377a

Résumé : Dans la République 377a, Socrate affirme que les fables (mythos) sont, dans l'ensemble, fausses, mais qu'elles possèdent une part de vérité. Face à cette fausseté générale, on cherchera à mieux comprendre où se trouverait cette vérité, comment elle se présenterait et de quel type de vérité il s'agirait. Pour ce faire, il faudra essayer de répondre à la question de savoir si la fausseté et la vérité peuvent se trouver au même endroit et, si la réponse est affirmative, de quel type est leur relation. Dans le contexte des concepts de base, il sera nécessaire de vérifier s'il existe une théorie de la correspondance de la vérité et s'il existe une théorie de la connaissance propositionnelle ou de la connaissance par accointance. Ces réponses permettront d'explorer si la vérité et la fausseté ont le même objet et quel est l'objet d'une fable. L'ensemble de ce parcours devrait générer une conception de la fable qui soit apte à être le premier outil éducatif dans la formation des enfants. Les résultats indiquent un type de vérité et de fausseté hybride qui n'entre pas dans les catégories des dialogues platoniciens.

Mots clés: Vérité; Mensonge; République; Fables; Platon.

Introdução

A proposta será de examinar como a relação mereológica entre todo falso e parte verdadeira que caracteriza as fábulas em Platão. Uma primeira circunscrição é importante. Platão recorre a mitos para filosofar em seus diálogos. Esse uso foi objeto de extensa investigação. No entanto, aqui eu pretendo me deter nas fábulas para as crianças. Deixarei para outra

oportunidade a investigação se elas podem ser um exemplo mais simples de narrativa que desempenha um papel análogo aos usos de mitos por Platão.

Em 377a, se lê:

ὅτι πρῶτον τοῖς παιδίοις μύθους λέγομεν; τοῦτο δέ που ὡς τὸ ὅλον εἰπεῖν ψεῦδος, ἔνι δὲ καὶ ἀληθῆ.

Pois primeiro, para as crianças, contamos fábulas. Isso, no **todo**, é, por assim dizer, falso, mas há também **algo** verdadeiro.

Qualquer relação entre todo e parte é complicada. Aquela entre um todo falso e uma parte verdadeira flerta com a obscuridade. O primeiro passo na tentativa de esclarecer será para trás. Aqueles familiarizados com o texto, sabem o que precede a passagem. Sócrates diferencia dois tipos de falas (*logoi*), as falsas e as verdadeiras. *Logos*, traduzido aqui por falas, é uma noção mais ampla do que *mythos*, traduzido por fábulas. Então, se uma fábula é um tipo de fala, temos que saber se a distinção entre fala verdadeira e fala falsa é exaustiva e bivalente.

Desde Aristóteles o mais comum é não tratá-la como exaustiva, ou seja, há falas que não são nem verdadeiras nem falsas como os imperativos, as crenças e, para os modernos, todas aquelas que se referem a objetos ficcionais.¹ Por outro lado, quando um valor de verdade se aplica às falas estas seguem o princípio da bivalência. Assim, entre as proposições, cada uma ou é verdadeira ou é falsa, sem uma terceira opção.

A passagem acima pinta uma figura bem diferente dessa. As fábulas são ditas falsas no todo mas em algo verdadeiras.² Portanto, a qualificação de falsidade e verdade lhes é aplicável mesmo sendo ficções. Ainda mais

¹ Ver *De Interpretatione* 16b26. Toda sentença é significante, mas apenas algumas são afirmações. Essas são definidas como aquelas que têm verdade ou falsidade.

² Berman (2013), por exemplo, nota como no *Sofista* 263d a opinião (*doxa*) tem a mesma natureza que o *logos* visto como asserção ou negação. *Teeteto* 189e4 206d1 também aplica valor de verdade às crenças.

surpreendente é o fato de que elas são falsas e verdadeiras simultaneamente.³ Portanto, não parece haver bivalência. Uma fala não é ou bem verdadeira e portanto não falsa, ou bem falsa e portanto não verdadeira. A tarefa que se apresenta é tentar entender como uma mesma fábula pode ser falsa e verdadeira dentro das relações entre verdade e mentira encontradas em Platão. Para tanto, pretendo desenvolver três hipóteses: Mereológica, as fábulas têm partes falsas e partes verdadeiras; Geradora, as fábulas são falsas mas geram crenças verdadeiras, e Acessual, as fábulas são falas mas permitem o contato com a verdade imutável.

1 Hipótese I: Mereológica

Segundo a interpretação mereológica, as Fábulas acomodam partes verdadeiras e falsas. Que algo seja constituído por algum tipo de mistura de propriedades opostas não é um absurdo em Platão. Nos diálogos encontramos uma série de entidades nas quais qualidades opostas F e não-F coexistem, a saber, os objeto sensíveis. Entre os exemplos mais usados temos a beleza e a feiura que participam de um mesmo rosto.⁴

O paradigma dos objetos sensíveis abre a possibilidade de que talvez a relação entre verdade e mentira nas fábulas seja mereológica. Nesse caso, uma fábula poderia ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo, como o são as coisas no mundo sensível. Para tanto, se assume uma leitura de verdadeiro e falso⁵ como uma qualidade qualquer e não como uma propriedade especial

³ Há quem traduza *pseudos* por ficção (Cornford, 1941) e mentira (Schofield, 2007). No entanto, em vista da relação com *alêthê* que fica clara no uso das partículas *de... de*, a oposição falso e verdadeiro parece melhor.

⁴ Por exemplo, em 479d, após a discussão sobre o objeto do conhecimento, Sócrates diz que eles descobriram que as convenções acerca do belo e essas coisas estão no meio do que é puramente e do que não é. Ver também o *Hípias Maior* 289c.

⁵ Como notou Vlastos (1974, cap. 3), o adjetivo *alêthes* é usado predicativamente pra descrever pensamentos, crenças e afirmações verdadeiros, mas também para descrever coisas. Ele ainda cita o caso análogo em que dizemos alguém ser um “verdadeiro amigo”.

cuja aplicação se restringe às proposições. Nesse caso, a afirmação ‘uma fábula é verdadeira e falsa’ teria sentido predicativo de primeira ordem equivalente a um ‘rosto é belo e feio’.

Nesses casos, os tipos de alteração entre ser F e não-F usados por Platão são três:

- ✓ Efêmero: Uma coisa tem F em t1 e perde esse F em t2. Assim, teríamos uma fala que era verdadeira e passa a ser falsa. Isso é possível. ‘Polemárcos é rico’, antes da revolução dos trinta seria verdadeira, depois, passaria a ser falsa.
- ✓
- ✓ Partitivo: Uma coisa também pode ser F numa parte e não-F em outra. No caso das falas, ‘Este rosto é belo’ será verdadeiro se o ‘belo’ se refere ao todo e falso caso se refira a uma pinta ali presente.
- ✓
- ✓ Relativo: Uma coisa pode ser F em comparação a algo e ser não-F quando comparada a outro. Nesse caso ‘Símias é alto’ seria verdadeiro se dito em comparação a Sócrates, mas falso se dito em comparação a Fédon.⁶

Apesar da variedade de conjunções de F e não-F, convém observar como, em todos os casos, a *verdade* das falas sobre as coisas acompanha o *ser* das coisas. Se a condição de Polemárcos muda, a verdade sobre ele o acompanha (e a afirmação deixa de ser verdadeira). Diante disso parece permissível assumir que a verdade acompanha o verificador e que o verificador das falas sobre as coisas sensíveis é mutante, misturado e relativo. Portanto,

Quem defende uma aplicação restrita explica que quando falamos de amigos verdadeiros estaríamos usando um sentido metafórico do termo.

⁶ No *Hípias Maior* 289c Sócrates diz que uma bela garota que é feia em comparação aos deuses não é mais bela do que feia. Vlastos (1974, cap. 3) evita a contradição porque ela não seria bela e feia *pros auto* (*República* 436e). A diferença entre verdade testemunhal e verdade propriamente dita sugerida em seguida se aproxima dessa diferenciação.

para uma afirmação vai possuir a propriedade de ser verdadeira também de maneira efêmera, partitiva e relativa.

A teoria da verdade que subjaz esse esquema é uma teoria da correspondência entre o que uma fala descreve e o estado de mundo que é descrito. Aplicado a uma narrativa que descreve um estado de mundo, a teoria da correspondência tem uma aplicação mais restrita. Quem descreve algo diz a verdade quando descreve o que é descrito como realmente estava no momento em que é descrito. Vou chamar isso de verdade como testemunho.

Agora pensemos o caso das fábulas. No todo, uma fábula nunca será verdadeira se analisada segundo essa perspectiva da verdade como testemunho. Afinal de contas, elas descrevem situações como uma raposa falando com um macaco ou humanos que voam, o que não corresponde a nenhum estado de mundo. Talvez seja isso que Platão quer dizer com a fábula ser, no todo, falsa. O universo narrado não corresponde a realidade que, ainda assim, funcionaria como o seu verificador. Portanto, não se trata de um mundo fictício.

Para ser no todo falsa, mas ter algo de verdadeira, segundo a concepção mereológica que está sendo testada, a opção partitiva da verdade como testemunho parece ser a mais plausível. Nesse caso, assim como algumas partes de um rosto bonito podem ser feias, algumas sentenças das fábulas teriam que descrever situações que correspondem a estados de mundo. Isso, de fato, acontece. No meio de uma fábula podemos encontrar algo como ‘e a raposa escapou para o mato’. Isso seria verdadeiro como testemunho e é perfeitamente possível. No entanto, essas seriam verdades triviais demais para justificar o papel pedagógico que Sócrates atribui às fábulas. Convém explorar alguma outra hipótese.

2 Hipótese II: Geradora

As fábulas em questão têm uma função bem específica em Platão. Em 377b Sócrates diz que elas gravam ‘opiniões’, ‘crenças’ ou ‘impressões’

(*doxa*) nas almas das crianças.⁷ Nada é dito explicitamente sobre essas opiniões serem verdadeiras ou falsas. Ele apenas defende que devemos delimitar o uso das fábulas àquelas que gravem opiniões ‘que julgamos que as crianças devam ter’.⁸ Diante disso, para entender a relação entre verdade e falsidade nas fábulas será preciso entender a sua relação com as opiniões verdadeiras e falsas nas almas bem como a relação entre os binômios verdade/ falsidade e benefício/ malefício.

Em 382c Sócrates fornece algumas informações sobre isso. Primeiro, ele distingue entre dois tipos de falsidades. Aquelas que acontecem na alma e aquelas que são propriedades do discurso. Ele ainda diz que as falsidades no discurso são cópias daquelas na alma e que essas são ‘não-misturadas, essenciais e verdadeiras’. Então temos, no caso mais simples, as seguintes relações:

- ✓ Almas com opiniões falsas produzindo discursos falsos
- ✓ Almas com opiniões verdadeiras produzindo discursos verdadeiros.

Além disso, Sócrates diz que as falsidades na alma são sempre maléficas (*misous*) ao passo que aquelas em discursos podem ser benéficas. Isso revela que opiniões falsas nunca seriam as ‘que julgamos que as crianças devam ter’. Por outro lado, a concessão de que falsidades no discurso podem ser benéficas complica a situação ao implicar que:

- ✓ Almas com opiniões verdadeiras podem produzir discursos falsos e gerar algum benefício.

Dado que crenças falsas são sempre ruins. O benefício gerado só pode ser para almas que possuem tais crenças falsas. Ademais, como a falsidade na alma é sempre odiosa, não é o caso que uma opinião falsa possa trazer algum bem para uma alma. A situação que se segue para fazer sentido

⁷ Crenças ou opiniões não é uma tradução precisa para *doxa*, ver Schwab e Moss (2019). O sentido preciso não vai interferir na investigação que se segue. Algo como uma impressão também funcionaria.

⁸ Δόξας ἐκείναις ἄς, ἐπειδὴν τελεωθῶσιν, ἔχειν οἰησόμεθα δεῖν αὐτούς; (*República* 377b)

desse cenário é que algumas falsidades em discursos possam beneficiar quem tem crenças falsas. Seria uma situação quase matemática de dois negativos gerando algo positivo. Falsidade (em palavras) + falsidade (nas opiniões) = benefício. Essa é a base para a hipótese geradora: as fábulas são discursos totalmente falsos mas que gerariam benefício em almas permeadas de crenças falsas.

O próximo passo é refletir sobre esse benefício. A situação mais simples é que ele ocorra não no nível das crenças, mas apenas nas ações. Para ilustrar o caso poderíamos citar o exemplo de alguém que é daltônico e vê a cor vermelha como verde. Para ‘corrigir’ a sua opinião alguém poderia dizer-lhe que ‘verde’, na verdade, é ‘vermelho’. Desse modo, uma declaração falsa combinada com um estado mental falso geraria o comportamento correto. De maneira análoga, a fábula completamente falsa produziria nas almas infantis abertas ao faz de conta um comportamento benéfico.

Apesar de um paternalismo excessivo, se for esse mesmo o caso, a hipótese geradora oferece uma justificativa de porquê alguém com uma opinião verdadeira, nesse caso, o educador através das fábulas, deverá utilizar palavras falsas. Trata-se de uma questão pragmática que depende de mais uma assunção. Almas com crenças falsas só serão persuadidas por discursos falsos. Se for esse o caso, verdades seriam inefetivas.

Porém essa justificativa não pode resolver a questão. Para Platão disso se seguiria um problema mais ontológico do que pragmático. Uma tal posição implicaria em aceitar que algo falso/ odioso gerasse algo benéfico. Isso vai contra os indicativos no texto de que a verdade está forçosamente ligada ao benefício. Por exemplo, em 379b, o bom gera benefício enquanto o mau machuca. Em 381e, as fábulas mentirosas fazem mal.

Para entender melhor a relação entre falsidade e benefício, convém examinar também os exemplos que Sócrates fornece de falsidades beneficentes. Em 382cd ele diz que as falsidades em palavras são úteis como uma medicina ao enganar inimigos e para impedir um amigo numa crise de loucura de fazer algo errado. Além disso ele ainda declara que:

nas mitologias (*mythologias*), devido ao nosso não saber o que há de *verdadeiro* no que tange à antiguidade, devemos colocar o falso o máximo que pudermos em acordo (*homologeô*) com o *verdadeiro* e assim faremos algo benéfico.⁹

Nos exemplos de Sócrates encontram-se falsidades contadas para inimigos, amigos loucos, e nas mitologias. Todas são examinadas em vista da utilidade. Uma diferença importante que pode motivar a separação é que no caso das duas primeiras quem diz a falsidade sabe qual é a verdade e qual é o estado anímico dos ouvintes. Uma diferença é que a mentira na guerra é contada em benefício próprio enquanto, no segundo caso, ela beneficia o amigo louco.¹⁰ Esse caso pode ser descrito como alguém que possui crenças falsas na alma e, assim, se aproxima do caso das crianças. O caso do amigo louco parece se encaixar na situação descrita acima em que uma falsidade em palavras leva, através do engano, alguém com crenças na alma a agir de maneira benéfica. No entanto, o caso das mitologias parece dar um passo adiante.

Primeiramente, o caso das mitologias é peculiar porque o acesso à verdade testemunhal é interdito devido à distância temporal. Mesmo assim, o texto segue, nesses casos devemos igualar o falso ao verdadeiro o máximo que pudermos. Aqui, é preciso notar que as duas ocorrências de ‘verdadeiro’ destacadas em itálico no texto precisam ter sentidos diferentes. Caso contrário, haveria contradição entre não saber a verdade e colocar as mitologias de acordo com a verdade. A minha proposta é que na primeira ocorrência se trata da verdade como testemunho. Como visto em 1, não há como verificar agora que o narrado corresponde ao que aconteceu. No

⁹ No original: ἐλέγομεν ταῖς μυθολογίαις, διὰ τὸ μὴ εἰδέναι ὅπῃ τὰληθῆς ἔχει περὶ τῶν παλαιῶν, ἀφομοιοῦντες τῷ ἀληθεῖ τὸ ψεῦδος ὅτι μάλιστα, οὕτω χρήσιμον ποιούμεν; (*Republica* 382d)

¹⁰ Mentir para os inimigos em benefício próprio é um caso caso problemático que parece confirmar a definição de justiça tradicional defendida por Céfalo/ Polemarco. Nessa definição que é refutada por Sócrates, ser justo é fazer bem aos amigos e mal aos inimigos. Talvez o exemplo se trate de uma condição especial da ‘ética de guerra’. No entanto, esse problema está além do objetivo desse artigo.

entanto, em vista do conhecimento de mundo presente, parece ser possível colocar a mitologia de acordo com o verdadeiro que independe do testemunho. Essa diferença parece ser importante também no caso das fábulas e será explorada em 3. Por enquanto, é melhor resolver a relação entre falsidade e benefício.

Se a aproximação à verdade é necessária para tornar as mitologias benéficas, parece haver a assunção de que essa aproximação permite que um discurso falso, semelhante à verdade, seja capaz de beneficiar o ouvinte não apenas no nível das ações mas gerando crenças verdadeiras. Se for esse o caso, não há porque negar essa capacidade às fábulas. Se for assim, se seguiria a necessidade de haver uma aproximação ao verdadeiro nas mentiras que tornam uma fábula útil.

Nesse caso, a conexão verdade e benefício e falsidade e malefício está mantida. Ademais, o fato de que almas com crenças falsas são aptas a receber discursos falsos permitem refinar a compreensão da relação entre verdade e falsidade. A falsidade torna a fábula atrativa para as almas infantis. No entanto, se ela vai ser benéfica, ela precisa ter algo de verdade.

Verdade e mentira se complementam nesse caso pedagógico, mas suas funções continuam bem distinguidas e contrárias. A falsidade é responsável por tornar o texto assimilável e atraente a quem tem opiniões falsas na alma enquanto a verdade se ocupa de, uma vez assimilada, colocar algumas crenças verdadeiras no ouvinte. Vou chamar isso de uma abordagem da falsidade em palavras como um xarope.¹¹ Ou seja, sob um sabor superficial (que traz males colaterais) esconde-se um princípio ativo benéfico. Desenvolvendo o exemplo do *Górgias*, Platão parece estar ciente de que diante de um júri de crianças o médico deve disfarçar uma alimentação saudável sob um gosto apetitivo para o paladar infantil.

É interessante notar que esse modelo verdade e falsidade aplicado à pedagogia infantil é bem diferente das interpretações tradicionais para se

¹¹ Para um uso pedagógico das mentiras em Platão, ver Vieira (2020).

superar o paradoxo do conhecimento apresentado no *Meno*.¹² Fine (2014) cita dois modos tradicionais de se superar o paradoxo. No modelo do ‘caminho das pedras’, para conhecer um objeto X a pessoa precisa saber algo outro que não X. Por exemplo, para saber se P é verdadeiro, é preciso saber que Q é verdadeiro e implica P. Outro modelo é o ‘combinatório’. Nesse caso, para conhecer que um objeto é um X é preciso conhecer X sobre uma outra descrição e combinar as informações. No caso da pedagogia infantil das fábulas e mitologias o caso parece ser diferente. O que temos é um xarope, a verdade envolta em uma capa atrativa mas falsa para lhe tornar assimilável aos aprendizes.

Essa interpretação da falsidade misturada com a verdade combina com os adjetivos aplicados à falsidade na alma em 382c. Ao diferenciar os dois tipos de falsidades, Sócrates recorre a uma variação de qualificações curiosa. Sobre a mentira na alma ele diz que ela é ‘verdadeira’, ‘não-misturada’ e ‘essencial’. Ele não oferece uma descrição equivalente da falsidade no discurso. No entanto, uma opção é assumir que ela possui as caracterizações contrárias sendo uma falsidade ‘não-verdadeira’, ‘misturada’ e ‘não-essencial’. Assim, uma falsidade verdadeira, como a na alma, é pior do que uma falsidade não-verdadeira, como a no discurso. Tal qual como é melhor tomar um falso veneno do que um veneno verdadeiro. Ademais, a falsidade não-verdadeira é misturada, presumivelmente, misturada com a verdade. Essa mistura é exatamente o cenário que surgiu da interpretação das mitologias acima.¹³

A relação entre verdade sob uma capa de falsidade remete também à hipótese mereológica vista em 1. Isso não é um problema para objetos sensíveis em Platão. No entanto, foi visto também que as partes verdadeiras nesse caso não podem ser as verdades triviais como as contadas em um

¹² Aprender algo é buscar o que não sabemos. Daí surge o paradoxo. Se não sabemos, como vamos saber que é o que buscávamos quando o encontrarmos? Ver *Meno* 80d e seq.

¹³ Talvez haja em Platão uma assimetria entre verdadeiro e falso. Uma coisa para ser verdadeira deve ser integralmente verdadeira. Para ser falsa, basta ter uma parte falsa. Isso poderia justificar porque as fábulas são falsas no todo.

testemunho. Isso fica ainda mais claro no exemplo das mitologias já que o criador de mitos, por impossibilidade temporal, tem seu acesso vetado à verdade por testemunho e, mesmo assim, deve aproximar sua mitologia à verdade. Nos dois casos, é preciso um sentido mais carregado para o termo verdade.

3 Hipótese III, Acessual

Para encontrar o sentido mais carregado de verdade na *República* é preciso recorrer ontologia epistemológica do livro V, 476e e seq. O esquema geral é bem conhecido. Sócrates apresenta o ser ou as Ideias como objeto do conhecimento; o não ser como objeto da ignorância, e os sensíveis, aquilo que alterna entre ser F e não ser F, como objeto das opiniões verdadeiras ou falsas.¹⁴ Assim, a distinção entre conhecimento e opinião é fundamentada na distinção entre diferentes objetos, as Ideias e as coisas. O conhecimento é sempre verdadeiro. Em uma teoria da verdade como correspondência, ele precisa de um objeto imutável, ou seja, que é sempre verdadeiro. As Ideias satisfazem esse requerimento. Muito se discute sobre o tipo de conhecimento que leva à verdade. As duas alternativas mais populares são o conhecimento proposicional e o conhecimento por contato.¹⁵ Por enquanto, vou evitar esse debate e chamar esse estado, independentemente do método pelo qual ele é alcançado, de conhecimento propriamente dito. A verdade que se segue dele, é claro, é mais carregada que a verdade testemunhal.

Agora é hora de uma breve rememoração. Durante a hipótese I, vimos que a verdade das afirmações acompanha o ser das coisas sobre o que

¹⁴ Em 478ab Sócrates diz que ter objetos diferentes não deixam lugar para uma identidade entre o conhecível e o opinável. Como sempre, existem leituras que rejeitam uma divisão tão marcada.

¹⁵ Para conhecimento proposicional, ver Fine (1978). Uma crítica ao proposicional e defesa do conhecimento por contato, ver Gonzales (1996).

as afirmações se referem. Coisas sensíveis, que não são mais F do que não-F, são veridadores pouco confiáveis pois levam a opiniões que não satisfazem o critério de uma verdade imutável. Nesse sentido, as descrições que as fábulas apresentam do mundo sensível são falsas pois trazem testemunhos evidentemente falsos.

No entanto, durante a investigação da hipótese II, vimos que as fábulas geram opiniões úteis quando estão de acordo com a verdade. Esse acordo, como mostrou o caso da mitologia, não pode ser do tipo de um testemunho que descreve algum acontecimento real. Para o acordo com a verdade fazer sentido, era preciso de uma noção mais carregada de verdade. A alternativa que se apresenta, a partir da distinção no livro V, é que elas se aproximam da realidade quando fundamentadas na verdade imutável. No entanto, se for esse o caso, topamos com algo digno de espanto. As fábulas como instrumentos pedagógicos não só não se encaixam em nenhuma das três categorias de *República V*, como ainda caracterizam um híbrido de conhecimento e opinião, faculdades cujos objetos, segundo a maioria das interpretações, são diametralmente diferentes.

Para rememorar, no livro V, Sócrates diferencia:

- ✓ Conhecimento: estado cognitivo imutável sobre um objeto imutável.
- ✓ Opinião: estado cognitivo mutável sobre um objeto mutante.
- ✓ Ignorância: ausência de estado cognitivo ou estado cognitivo sobre objeto ausente.

As fábulas, segundo a investigação acima, parecem caracterizar um monstro híbrido (*teras/ duphuê*).

- ✓ Híbrido: estado cognitivo útil sobre um objeto composto de opinião falsa que se aproxima de um objeto imutável no âmbito do conhecimento.

Que a divisão tripartite de *República V* não é exaustiva fica claro na imagem da linha. Em 510d, a *dianoia* introduz um outro estágio entre opinião e conhecimento. Nesse caso, se reconhece que os objetos sensíveis

não são os objetos do conhecimento, mas que se recorre a imagens sensíveis para pensar os imutáveis.¹⁶ Esse passo se encaixa mais no conhecimento por contato.¹⁷ Esse modelo parece se encaixar no híbrido da fábula construído acima. Se for assim, não foi preciso procurar muito longe para conceber o que parecia monstruoso. As fábulas fornecem imagens que permitem aos ouvintes entrar em contato com as Ideias. No entanto, há um problema. A solução faz com que a fábula se torne um objeto cognitivo muito potente.

Suponhamos que as fábulas sejam parte da *dianoia e*, como tais, elas constituem um estímulo capaz de trazer a verdade imutável à alma das crianças. Se for assim, não haveria nenhuma necessidade de filosofia, ciência ou qualquer outro tipo de conhecimento subsequente. A educação começaria e se encerraria nas fábulas que já seriam suficientes para aproximar as crianças da verdade. Isso, é claro, não se encaixa na *paideia* da *República*. Por exemplo, em 538d e seq. Sócrates alerta para o perigo de se ensinar dialética, o método de conhecimento que parece ser proposicional, aos jovens de tenra idade pois ela não fará mais bem do que mal. Em vista disso, a aceitação de um papel positivo mas menor para as fábulas exige que marquemos um outro ponto na linha. Para determinar qual será, é preciso aprofundar no tipo de conhecimento em Platão.

Smith (2000) defende uma visão de conhecimento em Platão que abarca o conhecimento por contato, pois há um objeto a ser acessado diretamente, e o conhecimento proposicional, pois esse conhecimento implica no conhecimento de várias proposições verdadeiras sobre o tal objeto e as suas relações. Essa interpretação se enquadra nos dois pontos da fórmula grega da verdade (Kahn). Segundo essa fórmula encontrada nos diálogos platônicos, verdade é conhecer o *que é, como é*. Há portanto dois requerimentos. O que é remete ao objeto, ao passo que o como é remete a

¹⁶ Para uma reflexão sobre o papel das imagens e sua relação com a contradição em Platão foi um dos temas que mais tratados por Marcelo Marques. Ver Marques (2006a, 2006b, 2009, 2010a, 2010b).

¹⁷ Ver Moss (2021), para uma versão recente de conhecimento por contato mais amigável ao proposicional.

uma descrição mais detalhada, que pode ser proposicional, desse objeto. Ademais, esse *como é* pode ser também a condição que diferencia conhecimento de opinião verdadeira que é procurada mas não encontrada no *Teeteto*. Felizmente, para o propósito de entender as fábulas, uma compreensão mais bem determinada do *como é* não será necessária.

A minha proposta é que a fábula benéfica seria aquela que fornece um primeiro contato com o que é, mas não satisfaz a segunda condição, o ‘como é’.¹⁸ Ela apresenta um objeto cuja verdade é imutável, mas não apresenta a sua definição, a resposta para ‘o que é ser um X’ tão procurada por Sócrates nos diálogos. Em outras palavras, as fábulas, através de descrições falsas de como algo não é, apresentam um primeiro contato com o que ‘é’.¹⁹

A proposta se encaixa nos cenários acima. Quem compõe uma fábula deve saber a verdade do objeto, como no caso da falsidade contada ao amigo louco. Outra possibilidade, é que quem compõe a fábula está mais próximo da verdade do objeto após tê-lo investigado dialeticamente, mas ainda não alcançou essa verdade. Isso se assemelha ao caso das mitologias. Em ambos os casos, ao compor uma fábula o autor não vai descrever como é esse objeto ou como o alcançou (ou tentou alcançar). Isso é tarefa dos diálogos platônicos. Nas fábulas, em consonância com as almas a que se dirige, esse objeto será apresentado de modo simplificado, despido das nuances, aporias e os casos limítrofes em que a discussão filosófica se baseia para desenvolver a investigação acerca do objeto do conhecimento. Além do mais, como no caso da falsidade xarope visto acima, a tal apresentação também será adicionada de fantasias que atraíam a atenção dos ouvintes.

Vimos dois tipos de verdade. No caso da verdade como testemunho que descreve uma experiência sensível, a fábula não descreve nem as coisas que são, nem as coisas como elas são. Ela é, nesse sentido, totalmente

¹⁸ Nessa leitura *hôs esti* é lida como ‘como é’. É possível também uma leitura como ‘que é’. Ver Kahn (2009), com quem o Marcelo Marques fez um estágio pós-doutoral.

¹⁹ Rowett (2018) associa o estado das crianças que ouviram fábulas benéficas ao sonho. Para ela, as crianças têm contato com produtos do bem em si sem saber que há um bem em si.

(*holon*) falsa. No entanto, no caso da verdade propriamente dita, a fábula apresenta o que é, o objeto do conhecimento, a verdade imutável, ainda que não o apresente como é. Assim ela proporciona um primeiro contato que gera crenças verdadeiras e benéficas nas almas infantis.

Essa interpretação permite enquadrar o híbrido fábula na distinção de objetos do conhecimento do livro V. O objeto que torna uma fábula benéfica é o objeto do conhecimento, uma verdade imutável. No entanto, a fábula não satisfaz o requerimento para que o contato com esse objeto se torne conhecimento. Para tanto, o *como* seria necessário. Assim, ela gera nos ouvintes apenas uma crença que se aproxima da verdade. Para complicar ainda mais a situação, como a fábula apresenta esse objeto é através de uma descrição falsa e fantasiosa. Por isso ela conta como uma falsidade no discurso. Um exemplo vai ajudar a entender a anatomia desse monstro que é a fábula.

4 A estrutura de uma fábula benéfica

Em vista da interpretação proposta é possível entender como se coloca um mito testemunhalmente incerto ‘de acordo’ (*homologeô*) com uma verdade imutável a fim de aflorar uma opinião benéfica na alma das crianças. Uma fábula-mitológica conta como Ícaro voa por causa de asas feitas de cera. A despeito do conselho do pai, o jovem se aproxima do sol e suas asas derretem. A queda é fatal. Através disso o fabulista não tenta asserir a falsidade testemunhal: ‘eu vi um ser humano voar’. O que a fábula apresenta é uma instanciação fantasiosa de uma verdade moral inabalável, algo como, cuidado com a *hybris*.²⁰

A comparação com um testemunho real ajuda a entender as peculiaridades das estórias infantis. Heródoto conta a vida de Cresos de modo que mostra como a sua ambição o levou a aumentar o seu reino em uma

²⁰ As fábulas não tentariam imitar a verdade. Elas funcionam como uma fonte de analogia. Para tanto, precisam estar de acordo com a verdade.

ocasião e a perder tudo, em outra. O conteúdo narrado tem a propriedade do mundo sensível em que F se torna não-F. No entanto, presumivelmente, o que fundamenta esse acontecimento é o resultado da *hybris*. A fábula, por outro lado, usa um relato que é atraente por ser falso como um ser humano que voa para gerar nos ouvintes a crença de que a desmesura leva ao fracasso. Em nenhum dos casos, há uma reflexão sobre as propriedades ou a definição do objeto em questão. Para isso, seria necessária uma reflexão dialética e um diálogo platônico.²¹

Isso porque o conteúdo das histórias infantis fica aquém da complexidade das peculiaridades que as ocorrências particulares de insolência instanciam no mundo. Por exemplo, também é o caso que a *hybris* pode levar a ações heroicas que beneficiem a todos. Um tal contraexemplo demandaria uma compreensão mais nuançada do que é a *hybris*. Entretanto, isso já escaparia ao âmbito das fábulas que geram apenas algo de verdadeiro. Talvez, questionar sem saber lidar com a complexidade seja um dos problemas de se ensinar a dialética aos muito jovens.

A comparação entre exemplos históricos e fábulas revela também outro ponto que aproxima as fábulas da verdade imutável. Elas podem conter tipos gerais que representam toda uma classe de particulares na realidade. No exemplo acima, Ícaro exemplifica um tipo geral que pode ser descrito como a insolência típica da juventude. No caso das fábulas propriamente ditas, as personagens são ainda mais simples e sua personalidade é reduzida a uma simples qualidade, como a raposa que é ardilosa.²² A história infantil revela *como* Ícaro acaba se dando mal. Nesse nível testemunhal, ela é falsa. No entanto, ela encena uma regra moral que seria imutável. Se for assim, ela se aproxima da verdade propriamente dita. No entanto, ela não explica *como* a insolência é. Deste modo, o tipo de

²¹ Até mesmo o conhecimento proposicional pode fornecer uma verdade através de proposições falsas. Um silogismo formalmente correto mas com conteúdo falso pode evidenciar a estrutura de como é que se deve pensar silogisticamente.

²² Não é hora de construir uma teoria das fábulas, mas talvez devêssemos falar mais de arquétipos do que personagens. Arquétipos não teriam valor de verdade testemunhal.

verdade sapiencial das fábulas partilharia o objeto com o conhecimento mas estaria aquém da verdade almejada pela investigação filosófica ou científica. Ela instancia o que é, mas sem explicar, definir ou dar a causa de por que é ou como é.

Pedagogicamente, é possível assumir que um tal contato já adiantaria a introdução dos jovens à investigação filosófica. A fábula, ao instanciar uma regra geral e não apenas fornecer exemplos/ testemunhos de sua aplicação estaria um passo além da primeira resposta que os interlocutores de Sócrates dão às suas perguntas sobre ‘o que é X’, já que esses tendem a dar exemplos corriqueiros. Essa observação ajudaria a entender porque a última ocupação de Sócrates em vida, segundo o Fédon, é compor fábulas.

Por fim, a diferença entre fábulas e a investigação filosófica nos permite entender o filósofo como uma criança que refinou seu espanto a ponto de tomar como objeto da investigação o trivial em vez do fantasioso e foi bem além do testemunho para encontrar uma resposta. Em vez de se interessar por humanos voadores, ele se interessa pela insolência. Em vez de uma investigação histórico-empírica, ele tenta entender as causas de um tal comportamento através do exame dialético como Sócrates no *Alcibiades I*.

Conclusão

Um exame de três hipóteses para tentar entender como as fábulas, segundo Platão, são, no todo, falsas, mas têm algo de verdade, não gerou uma resposta conclusiva. A caracterização das fábulas não se encaixa nas divisões dos elementos cognitivos apresentadas na *República*. Mesmo assim, esses elementos fornecem informações que se provaram suficientes para se entender a fábula como um tipo de híbrido único nos diálogos. Ao fim, foi proposta uma estruturação mais determinada desse híbrido que gera possibilidades interpretativas promissoras. Fica para um passo seguinte explorar como esse caso peculiar pode ajudar a entender outros problemas interpretativos nos diálogos.

Referências

- BERMAN, Scott. A Platonic Theory of Truthmaking. *Metaphysica* 14 (1):109-125, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12133-012-0115-9>
- CORNFORD, Francis Macdonald. *The Republic of Plato* translated with Introduction and Notes. Oxford: Clarendon Press, 1941.
- FINE, Gail. Knowledge and Belief in Republic V. *Archiv für Geschichte der Philosophie* 60 (2):121-39, 1978. DOI: <https://doi.org/10.1515/agph.1978.60.2.121>
- FINE, Gail. *The Possibility of Inquiry: Meno's Paradox from Socrates to Sextus*. Oxford: Oxford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199577392.001.0001>
- GONZALEZ, Francisco. Propositions or Objects? A Critique of Gail Fine on Knowledge and Belief in Republic V. *Phronesis* 41 (3):245-275, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1163/156852896321051620>
- KAHN, Charles H. *Essays on Being*. Oxford University Press, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199534807.001.0001>
- MARQUES, Marcelo. Entre aparecer e ser: sobre República V. In: MARTINHO, M. (Org.). i simpósio de estudos clássicos da usp. São Paulo: *Humanitas*, v. 1, p. 247-270, 2006a.
- MARQUES, Marcelo. *Platão, pensador da diferença: Uma leitura do Sofista*. belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006b.
- MARQUES, Marcelo. Aparecer e imagem no livro VI da República. In: PERINE, M. (Org.). *estudos platônicos: Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: loyola p. 137-166, 2009.
- MARQUES, Marcelo. Aparâitre et contrariété dans le livre IV de la République. In: BRANCACCI, A.; El MURR, D.; TAORMINA, D. (Org.). *autour de platon: Mélanges offerts à Monique Dixsaut*. Paris: Vrin, p. 319-333, 2010a.
- MARQUES, Marcelo. Paradoxo e natureza no livro V da República. *Kriterion*, UFMG, v. 51, p.429-440, 2010b. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000200006>
- MOSS, Jessica & SCHWAB, Whitney. The Birth of Belief. *Journal of the History of Philosophy* 57 (1):1-32, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1353/hph.2019.0000>

Como é que as fábulas podem ser, no todo, falsas e conter alguma verdade? Uma reflexão sobre República 377a

MOSS, Jessica. *Plato's Epistemology: Being and Seeming*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198867401.001.0001>

ROWETT, Catherine, Platonic Method: The Philosopher's Route to Knowledge in Plato's Republic, *Knowledge and Truth in Plato: Stepping Past the Shadow of Socrates*: Oxford University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199693658.001.0001>

SCHOFIELD, Malcom. The Noble Lie. In G. Ferrari (Ed.), *The Cambridge Companion to Plato's Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521839637.006> PMID:17687961

SMITH, Nicholas, Plato on Knowledge as a Power, *Journal of the History of Philosophy* 38: 145–68, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1353/hph.2005.0082>

VIEIRA, Celso. Etymologization as a Case of Pedagogical Lying in Plato. *Méthexis* 1 (32):63-85, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1163/24680974-03201004>

VLASTOS, Gregory. *Platonic Studies: Second Edition*. Princeton University Press, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1515/9780691226958>

Data de registro: 01/08/2023

Data de aceite: 12/06/2024